



ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA DE ACOLHIMENTO: UM ESTUDO DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS E SOCIOCULTURAIS¹

Camila Solino Rodrigues (POSLET/UNIFESSPA)²
camila.solino@gmail.com

Eliane Pereira Machado Soares (POSLET/UNIFESSPA)³
eliane@unifesspa.edu.br

RESUMO: Os estudos sociolinguísticos têm contribuído significativamente para o desenvolvimento da consciência crítica dos docentes acerca dos processos de ensino/aprendizagem de línguas, principalmente no que diz respeito à inclusão das variações linguísticas em materiais didáticos e à necessidade de se discutir abordagens linguístico-discursivas de normas e situações que geram preconceitos linguísticos. O presente trabalho que trata desse tema é um recorte de uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento, junto à Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). O suporte teórico da pesquisa está pautado em estudos de Bortoni-Ricardo (2005), Faraco (2011), Camacho (2011), Carvalho (2004) dentre outros. Para composição do *corpus* foram selecionados livros didáticos voltados para o ensino/aprendizagem de Português como Língua Estrangeira (PLE). Nessa perspectiva, figura-se como objetivo principal a análise crítica e comparativa dos livros *Pode Entrar* (OLIVEIRA, 2015) e *Diga trinta e três... em português!* (BRASIL, 2017), observando-se como são abordadas as variações linguísticas e socioculturais. Destarte, pretende-se analisar como os autores conjugaram-nas aos objetivos dos cursos, estrutura das atividades e a composição temática dos livros. Os resultados apontam que esses materiais didáticos abordam variações linguísticas e socioculturais, apesar de evidenciarem a necessidade de aperfeiçoamento de atividades que envolvem contextos reais da língua em uso que favorecem o desenvolvimento da competência comunicativa e das interações sociais dos aprendizes da língua.

PALAVRAS-CHAVE: Variação Linguística; Português como Língua Estrangeira; Ensino/Aprendizagem; Material Didático.

ABSTRACT: Sociolinguistic studies have contributed significantly to the development of teachers' critical awareness of language teaching/learning processes, especially regarding the inclusion of linguistic variations in didactic materials and the need to discuss linguistic-discursive approaches to norms and situations that generate linguistic prejudices. The following work that addresses this theme is an excerpt from a master's research in development in the Federal University of the South and Southeast of Pará (Unifesspa). The research theoretical support is based on studies by Bortoni-Ricardo (2005), Faraco (2011), Camacho (2011), Carvalho (2004) among others. Didactic books for teaching/learning Portuguese

¹ O presente artigo parte de discussões, levantadas ao longo da disciplina “Sociolinguística”, ministrada pela Profa. Dra. Eliane Pereira Machado Soares, durante o mestrado em Letras: Linguagem e Sociedade pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – POSLET, do ILLA/UNIFESSPA.

² Mestranda em Letras: Linguagem e Sociedade pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – POSLET, do ILLA/UNIFESSPA. Email: < camila.solino@gmail.com >.

³ Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (2008). Atualmente é Professor Associado I da Universidade Federal do Sul e Sudeste Pará. Tem experiência na área de Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: fonética e fonologia; variação linguística; leitura; ensino-aprendizagem de língua materna; educação escolar indígena; léxico e literatura regional. Email: < eliane@unifesspa.edu.br >.



as a Foreign Language (PLE) were selected to compose the *corpus*. From this perspective, the main objective is the critical and comparative analysis of the books *Pode Entrar* (OLIVEIRA, 2015) and *Diga trinta e três... em português!* (BRASIL, 2017), observing how linguistic and socio-cultural variations are approached. Thus, it is intended to analyze how the authors combined them to the course objectives, activities structure and the books thematic composition. Results show that these teaching materials address linguistic and socio-cultural variations, despite showing the need to improve activities that involve language in real contexts of use that favor the communicative competence development and social interactions of language learners.

KEYWORDS: Linguistic variation; Portuguese as a Foreign Language; Teaching/Learning; Didactic Materials.

1 Introdução

Apesar dos notáveis os avanços na área da Linguística, especialmente a partir da década de 1980, os estudos e discussões sociolinguísticos ainda encontram dificuldade em transpor o âmbito acadêmico e transformarem-se em práticas efetivas de sala de aula, bem como ainda não são a base da construção de materiais didáticos para o ensino de línguas.

As escolas brasileiras, em sua maioria, mantêm suas práticas de ensino com predomínio na norma padrão, que é aquele ainda exigido em exames e avaliações nacionais. A concepção de língua portuguesa padronizada parte de uma idealização de povo e de língua, como apontado por Faraco (2011), que foge à realidade do país, intenciona segregar e criou no imaginário do brasileiro uma falsa realidade de que o povo desconhece a própria língua. Segundo o pesquisador,

Nesta guerra, venceram os conservadores, definindo certa norma lusitana do romantismo como modelo para nossa escrita. Como eram claras, inevitáveis e persistentes as diferenças da norma culta brasileira em relação a esse padrão artificialmente fixado, foi preciso construir uma norma curta, um discurso categórico, uma contínua desqualificação do falante brasileiro. (FARACO, 2011, p.273).

A construção de tais ideias em âmbitos acadêmicos e institucionais, aos poucos chegaram à sociedade como um todo, através das escolas, avaliações, meios de comunicações, resultando em uma visão distorcida de língua:

o desenvolvimento na teoria linguística de um sentimento de aversão ao caos, à variação, cuja consequência foi gerar uma concepção monolítica de linguagem, baseia-se na suposição metodológica de que a estrutura linguística é necessariamente homogênea. (CAMACHO, 2008, p. 62).

Essa concepção de que a língua é homogênea parte do princípio de que há uma norma padrão, considerada culta, em detrimento de todas as outras variantes, que acabam sendo consideradas menores, fomentando assim o preconceito pelas variantes não padrão, assim como ocorre com a concepção de cultura – as normativas *versus* as marginalizadas, seguindo o mesmo modelo seletivo e segregador. As escolas, ao favorecerem uma única norma, não a fazem sem uma intencionalidade: por motivações sociais é eleita uma norma padrão em detrimento de outras e será essa a ensinada nas escolas e institucionalizada nos meios sociais oficiais, restando às outras o desprestígio frente a essas e sua reclusão em esferas menores da sociedade e até mesmo marginalizadas, como grupos sociais, familiares, etc.

Em face deste problema, acrescenta-se que

se a padronização é impositiva, não deixa de ser também necessária. Ela está na base de todo estado moderno, independentemente de regime político, na formação do seu aparato institucional burocrático, bem como no desenvolvimento do acervo tecnológico científico. [...] O problema não parece estar, pois, na existência de um código padrão, mas no acesso restrito que grandes segmentos da população têm a ele. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 14-15).

Ressalta-se ainda que, “[...] um membro de uma comunidade de fala tem de aprender o que dizer e como dizê-lo apropriadamente, a qualquer interlocutor e em quaisquer circunstâncias” (BORTONI-RICARDO, 2005, p.61). Visto que deveria ser ampliado o acesso a essa norma padrão, torna-se claro o papel das instituições de ensino.



A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. Algumas conferem prestígio ao falante, aumentando-lhe a credibilidade e o poder de persuasão; outras contribuem para formar-lhe uma imagem negativa, diminuindo-lhe as oportunidades. Há que se ter em conta ainda que essas reações dependem das circunstâncias que cercam a interação. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15).

As discussões sobre a sociolinguística no campo do ensino em Língua Materna podem ser adaptadas para o ensino de Língua Estrangeira, dadas as devidas modificações. Hoje em dia, para a elaboração de materiais e planos de aula, não há documentos oficiais que o norteiam, como apontado por Schoffen e Martins (2016), apesar disso, é comum que autores e professores utilizem como diretriz os PCN'S para o ensino de língua materna e/ou o próprio Exame de Exame de proficiência da língua, o Celpe-Bras.

Para o ensino de Língua no contexto do PLE, deve-se considerar que, muitas vezes, o estudante detém pouco conhecimento no que concerne às variações linguísticas e à diversidade cultural do Brasil. Contudo é importante não transferir para ele os preconceitos linguísticos e socioculturais, do mesmo modo, deve-se desmistificar as prováveis imagens estereotipadas do país.

No processo de ensino-aprendizagem do Português como uma língua estrangeira é importante se ter em mente que envolve práticas de escuta, escrita, oralidade e análise linguística. Portanto não se deve, necessariamente, apenas, buscar pela aprendizagem das variantes e suas respectivas regras e/ou situacionalidades, visto a quantidade maciça de possibilidades que os materiais ou professores teriam que abarcar, porém é importante levar para a sala de aula uma reflexão sobre a composição linguística brasileira: que é permeada de processos identitários, sendo possível aliar o ensino da norma culta com as principais variantes que circulam dentre os meios no qual esses estudantes têm maior contato (ou pretendem ter). Assim como também, é necessário conscientizá-los das possíveis causas e discursos que essa linguagem em uso oferece,

para que o aluno torne-se um falante crítico da língua e, eventualmente, realize escolhas lexicais conscientes dos papéis que elas terão no círculo social no qual ele pretende se estabelecer.

Nesse sentido, Carvalho (2004, p.270) aponta que no processo de ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa (LP) do Brasil para estudantes estrangeiros, deve-se considerar o uso real da língua, incluir uma contextualização autêntica e tendo como base a concepção de língua como um sistema heterogêneo. É preciso atentar-se que tais fatores são essenciais para o processo de ensino, pois antecipam a realidade que o estudante irá encontrar no país.

No entanto, segundo a pesquisadora, ao trabalhar-se com o caráter heterogêneo da língua nos materiais didáticos, deve-se balancear a complexidade de tal conteúdo com os limites de tempo e espaço. A pesquisadora não recomenda apresentar todas as realizações linguísticas, ou tentar mencioná-las nos materiais, ação essa que, entende-se, ser além de exaustiva para o processo de elaboração tal como em sua atuação, também se mostra impossível, pois a renovação das variações é um processo constante, sendo viável para esse processo de seleção “[...] a delimitação o mais precisa possível do público-alvo e da situação de aprendizagem/aquisição em que esse público se encontra.” (CARVALHO, 2004, p. 271).

Ainda segundo a pesquisa de Carvalho (2004), a autora esclarece que, tendo em vista a dificuldade dessa inclusão total nos materiais, o professor deverá focar em “[...] conscientizar o aluno da natureza homogênea da língua e de tentar adaptar a proposta do livro à realidade do grupo.” (CARVALHO, 2004, p. 271).

A partir dos avanços dos estudos linguísticos tornou-se possível afirmar que não há como desassociar o ensino de língua da cultura na qual ela está inserida. Como apontado por Hayakawa (1977), a linguagem é um fenômeno social, na qual, apenas mediante ela, o homem consegue compartilhar seus conhecimentos, sua cultura através das gerações. Linton (1970) define cultura como:



[...] a maneira de viver de uma sociedade. Esta maneira de viver compreende inúmeros pormenores referentes ao comportamento, mas entre eles há sempre fatores em comum. [...] Um tal consenso sobre a conduta e a opinião constitui um padrão cultural; a cultura como um todo, é um conjunto mais ou menos organizado de tais padrões. [...] A cultura, como um todo, proporciona aos membros de uma sociedade um guia indispensável em todos os campos da vida. (LINTON, 1970, p.98).

Com base nos estudos levantados anteriormente, entende-se que é proposto ao estudante de dada língua, a aprendizagem da modalização de sua fala, de acordo com o contexto de uso, assim como caberá a ele adquirir as noções básicas dos conhecimentos, crenças e ações, reunidos aqui sob o conceito de cultura, que é vinculada à língua em estudo.

Portanto, ao longo do trabalho que será realizado em nossa pesquisa, é importante refletir se os materiais didáticos dos cursos de Português como Língua Estrangeira (PLE) evocam preconceitos culturais e linguísticos; se as atividades de leitura, escrita e oralidade que estão presentes neles envolvem a linguagem em uso; assim como, refletir se as variações linguísticas são abordadas de modo satisfatório ou de qual (is) outra (s) formas esse processo poderia ser posto em prática.

Neste artigo, apresentamos um recorte de um trabalho dissertativo de mestrado acadêmico em Letras, em desenvolvimento junto à Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Para composição do *corpus* foram selecionados dois livros didáticos voltados para o ensino/aprendizagem de PLE, elaborados com diferentes propósitos, sendo eles: o *Pode Entrar* (OLIVEIRA, 2015), um material produzido para fins de aprendizagem de Língua Portuguesa direcionado à imigrantes de diversas culturas e etnias considerados como refugiados, de 2015. O segundo material, *Diga trinta e três... em português!* (BRASIL, 2017), foi produzido pelo Ministério da Saúde, em 2017, para os profissionais estrangeiros dessa área, que vieram ao país para atuarem na Saúde Pública, a partir do Programa Mais Médicos do Governo Federal.

Nessa perspectiva, figura-se, como objetivo principal do trabalho, verificar a presença de variação linguística e cultural nos dois materiais citados acima, através da



análise crítica e comparativa dos dois capítulos iniciais, para verificar as escolhas de cada autor para sua proposta de ensino, assim como foram selecionados os demais que indicarem a inclusão das variações. Em suma, pretende-se analisar como os autores conjugaram os objetivos dos cursos, a estrutura das atividades e a composição temática dos livros a partir de temas, conteúdos gramaticais, tópicos selecionados e afins.

2 O que dizem os livros?

Após a breve discussão teórica apresentada acima, no que concerne os estudos sociolinguísticos de variação linguística e o ensino de língua e cultura, o presente artigo propõe um estudo da existência (ou não) das variações em materiais didáticos pré-selecionados para o ensino de PLE. Como mencionado anteriormente, consta na presente pesquisa, a análise dos capítulos iniciais dos livros *Pode Entrar* (OLIVEIRA, 2015), que será identificado como L1 e, *Diga trinta e três... em português!* (BRASIL, 2017), identificado como L2, assim como os demais capítulos que apresentarem uma maior referência à diversidade brasileira, sendo ela linguística ou cultural.

2.1 Palavras iniciais dos livros

Na página anterior ao primeiro capítulo de ambos os livros há uma imagem do mapa do Brasil. Em L1, o material apresenta um mapa em branco com cinco imagens conectadas aos estados da Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, cada uma mostrando um cartão-postal de uma cidade dos referidos estados.

Sobre essa representação do país, não há nenhuma imagem das regiões norte ou centro-oeste; assim como não identifica o nome dos estados; não cita a capital federal – apesar de apresentar uma demarcação não identificada da mesma. Considerando que o país é composto por 27 unidades políticas, sendo elas 26 Estados e um distrito federal, dividindo-se em cinco regiões, pode-se reunir os dados observados em uma tabela para uma melhor dimensão do que foi apresentado no material:

Tabela 1 Apresentação do Brasil no mapa do L1

Região	Total de Estados na região	Estados mencionados
Norte	7	0
Nordeste	9	1
Centro-Oeste	3 + DF	0
Sudeste	4	3
Sul	3	1

É importante ressaltar que o L1 foi um material produzido na cidade de São Paulo-SP, logo, observa-se que ele se volta à prática de ensino nesta região e por isso acaba, por naturalmente, dar maior destaque a essa localidade. No entanto, poderia ser uma oportunidade para apresentar ao aluno uma realidade mais distante da sua, que compõe o país no qual ele se encontra interessado em aprender, reforçando estereótipos da imagem do Brasil, em que determinados estados recebem mais divulgações do que outros.

Em contrapartida, o L2 apresenta um mapa do Brasil identificado com os nomes de todos os Estados e suas respectivas capitais, incluindo a Capital Federal, além de apresentar cores diferentes para cada região. Logo abaixo do mapa, segue uma tabela nas quais as colunas são as regiões, e as linhas contêm o nome de cada estado e seus respectivos gentílicos.

Esse material que foi produzido em Brasília-DF, por incentivo do Governo Federal, percebe-se que reflete nas escolhas dos autores, que optaram por não privilegiar nenhum estado, região ou cidade, no entanto não ilustra com nenhuma imagem, bandeira, cartão-postal etc. Com exceção do gentílico e da localização geográfica, o estudante não terá um conhecimento mais específico sobre as diversidades do país ou as

características de cada região, o que se justifica por ser apenas uma apresentação introdutória e geral sobre o Brasil.

Ambos os materiais acertaram em apresentar um mapa do país em sua introdução, no entanto, o L2 apresenta uma maior abrangência ao citar todos, de forma simples, para que o estudante tenha um conhecimento mínimo do país e da região em que se encontra. Apesar da exclusão de grande parte do país e de apresentar um mapa sem nenhuma identificação, além das divisões geográficas, o L1 acertou ao apresentar fotografias que caracterizam os lugares representados. As fotos mostram um pouco da paisagem, arquitetura, pessoas, comida, hábitos dos lugares, o que pode auxiliar o leitor a identificar melhor aquele ponto do país.

2.2 Estudo dos dois primeiros capítulos/unidades

Para a análise comparativa dos materiais foram coletados dados que apontam como cada material opta por introduzir a sua prática de ensino, a partir da seleção das duas primeiras partes de ambos os livros. O L1 irá chama-las de capítulos, enquanto para o L2 serão as unidades.

A tabela a seguir aponta os tópicos gramaticais apresentados, além dos conteúdos trabalhados que se destacam no que concerne às variações linguísticas e culturais brasileiras, que estejam em consonância com a temática trabalhada no presente artigo.

Tabela 2 Dados das duas primeiras partes do L1 e L2

Unidade/Capítulo 1	L1 - capítulos	L2 - unidades
Tópicos gramaticais	<ul style="list-style-type: none"> • Alfabeto; • Pronomes pessoais; • Adjetivos possessivos; • Verbos no presente. 	<ul style="list-style-type: none"> • Artigos definidos; possessivos; • Verbos regulares e irregulares.
Conteúdos (resumidos)	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação pessoal; • Números; • Saudações e expressões. 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação pessoal; • Números; • Dias da semana, meses e estações do ano;



		• Descrições físicas.
Unidade/Capítulo 2		
Tópicos gramaticais	<ul style="list-style-type: none">• Pronomes interrogativos;• Gerúndio;• Verbos regulares e irregulares.	<ul style="list-style-type: none">• Sufixo –ão e seu plural;• Advérbio;• Alfabeto e Pronúncia;• Acentos e diacríticos
Conteúdos (resumidos)	<ul style="list-style-type: none">• Nacionalidades;• Sentimentos e características físicas;• Números;• Informações sobre o Brasil.	<ul style="list-style-type: none">• Partes do corpo (anatomia);• Anatomia Popular.

Analisando o L1, destacam-se três pontos: I) no primeiro capítulo, no tópico reservado ao ensino dos pronomes pessoais, o material, separadamente, acrescenta a seguinte informação:

E “a gente”? No português brasileiro existe uma pessoa que aparece com muita frequência na fala cotidiana: o “a gente”, utilizado para expressar a mesma ideia que “nós”, porém sua conjugação acontece no singular. (OLIVEIRA, 2015, p. 12).

Em seguida, são apresentados exemplos de uso e, esse pronome, predominante da fala ou escrita coloquial, passa a integrar os quadros de pronomes e adjetivos possessivos nas explicações que se seguem, assim como se efetua como parte das conjugações nos quadros de verbos do capítulo seguinte. A inclusão do “a gente”⁴, não tão comum em gramáticas normativas, apesar de seu largo uso nas situações cotidianas, representa uma pequena inclusão da variação não-padrão no ensino das normas para o estrangeiro. II) Ainda no mesmo capítulo, destaca-se que dentre o ensino de saudações as autoras incluíram desde os formais “boa noite!; olá!; desculpe-me” até alguns dos mais comuns da fala corriqueira, como “e aí?; beleza?”. aqui

⁴ Diversas pesquisas variacionistas destacam o uso do “a gente” na fala em diversas regiões do país, dentre elas: Franceschini (2011), Souza e Botassini (2009), Vitória (2017), Seara (2000), Pacheco (2018), entre outras.



Por fim, III) o capítulo dois expõe um texto contendo informações sobre o Brasil, com dados geográficos, estatística habitacional, a língua oficial, a moeda. No último parágrafo do dado texto, apresenta-se a seguinte informação:

no Brasil há pessoas de diferentes culturas e etnias, pois o país recebeu e recebe imigrantes de diferentes nacionalidades. Até o ano de 1888, o Brasil tinha mão de obra escrava vinda de países africanos. Hoje, o trabalho escravo é proibido no Brasil. (OLIVEIRA, 2015, p.20).

Apesar da pouca precisão apresentada no trecho acima, essa breve menção à diversidade nacional é importante para estimular o docente a introduzir o tópico em sala de aula, a partir do material. No entanto é recomendável que o professor procure ampliar a discussão para além do curto trecho fornecido: apresentando exemplos de influências culturais, sociais, religiosas e linguísticas que se deram no país, a partir dos processos migratórios presentes na história do Brasil como um todo, mas se possível destacar exemplos com foco nas influências socioculturais ocorridas no contexto da comunidade na qual se dá o processo de ensino-aprendizagem. A discussão sobre a mão de obra escrava, mencionada pelo texto, também é importante ser ampliada para apresentar suas implicações históricas, culturais, sociais e as consequências que ainda hoje reverberam na sociedade brasileira.

Com relação ao L2, destaca-se, primeiramente, um ponto na primeira unidade, com relação ao ensino dos verbos. Ao apresentar o verbo gostar, os autores dispõem sua conjugação em um quadro, incluindo não só os pronomes pessoais “Eu, Tu, Vocês, Ele/Ela, Nós, Vocês, Eles/Elas”, como também adicionam o “a gente”, típico da variação coloquial da língua, tal como o outro material didático o fez e, ainda adicionou os pronomes de tratamento “o senhor, a senhora, os senhores e as senhoras”, visto que serão muito utilizados no dia-a-dia dos leitores deste livro, pois são termos usados pelos profissionais que realizam atendimento ao público, tal como os da área da medicina. Esse formato será repetido nas unidades seguintes.



A seguir, ressaltam-se dois pontos na unidade dois, sendo o primeiro deles que, após apresentar inicialmente o alfabeto, os autores acrescentam a seguinte informação:

Os nomes das letras E e O podem ser pronunciados de maneira aberta ou fechada, conforme a região do Brasil. É importante que você saiba produzir esses sons abertos, pois em diversas palavras do português, eles estão presentes. (BRASIL, 2017, p.30).

Essa pequena nota é importante para que o estudante se atente para as variações de pronúncias que ele possa vir a entrar em contato, dependendo de qual localidade ele irá se instalar. No entanto, é importante que o professor apresente alguns exemplos práticos, principalmente utilizando as formas mais próximas ao cotidiano do estudante.

Finalmente, o segundo ponto figura-se como o maior exemplo de abordagem das variações linguísticas (dentre ambos os materiais), a sessão em que os autores descrevem a anatomia popular, ou seja, o “jeito” de falar do povo sobre as partes do corpo. Essa parte inicia-se com o seguinte trecho:

Toda e qualquer língua varia. É isso o que permite que, por exemplo, possamos traçar hipóteses, muitas vezes corretas, sobre a origem geográfica da pessoa quando a escutamos falar. Que outros fatores produzem variações linguísticas, além de diferenças geográficas? (BRASIL, 2017, p.30).

Durante essa passagem, os autores direcionam a atenção do leitor à conscientização do fenômeno das variações linguísticas, despertando um pensamento crítico com relação a sua causa e efeitos. Acrescentando à discussão, os autores inserem o cordel “Manual de anatomia cearense para médicos cubanos”, de Arievaldo Viana e Pedro Paulo Paulino (2013), que inclui uma ilustração, assim como o texto integral.

Esse texto de literatura regional nordestina, aponta o vocabulário do corpo humano, a partir do falar popular do Ceará, um estado do Nordeste brasileiro. Através desse texto, o leitor toma conhecimento não só das expressões típicas daquela região, mas também toma consciência da grande variedade que pode existir, assim como a



distância, entre o saber normativo – o vocabulário comum aos livros teóricos, que o estudante comumente tem acesso, e o que é usado na prática. Tendo em vista que o aluno que faria uso deste material iria trabalhar em comunidades como essa, ele terá que atentar-se para o estudo dessas variações, de acordo com a região em que irá atuar profissionalmente.

No encerramento da unidade, o material acrescenta à discussão, um pouco mais sobre as variações geográficas:

[...] O português falado no Rio Grande do Sul, em Minas Gerais, na Bahia, no Amazonas e em Goiás, por exemplo, têm, cada um, suas particularidades, o que explica, em certa medida, a diversidade do português do Brasil. (BRASIL, 2017, p. 39).

Por fim, o aluno fará ainda uma atividade final a partir de um vídeo que destaca o falar do interior de Minas Gerais, mostrando assim uma variedade bem distinta da apresentada sobre o nordeste e deixando em aberto para que o aluno dê seguimento aos estudos das outras variações com as quais irá se deparar de imediato em seu convívio no país.

2.3 Capítulos 9, 10 e 11 (L1)

Dentre os demais capítulos do L1, foram selecionados aqueles cuja temática de alguns dos conteúdos são afins ao estudo aqui realizado. Para tanto, os dados foram coletados e dispostos em uma nova tabela para melhor visualização:

Tabela 3: Capítulos do L1

Capítulos	Descrição do conteúdo
Capítulo 9	Transportes públicos: metrô e ônibus.
Capítulo 10	Liberdade de crença – panorama histórico do Brasil.
Capítulo 11	Resumo da História do Brasil; ditados populares e manifestações culturais: <ul style="list-style-type: none">• Bumba-meu-boi; Frevo.



No capítulo nove, as autoras deram grande destaque ao metrô como meio de transporte público, no entanto o mesmo só está presente em sete cidades brasileiras, considerando apenas metrô, sem o VLT ou trens metropolitanos, sendo elas: Fortaleza-CE (NE), Salvador-BA (NE), Recife-PE (NE), Brasília (DF), Belo Horizonte-MG (SE), Rio de Janeiro-RJ (SE) e São Paulo-SP (SE) (CNT, 2016, p. 95). Para as atividades, o livro apresenta o mapa do metrô da cidade de São Paulo –SP, realizando atividades de interpretação e que envolvessem o uso da moeda nacional. Por outro lado, o ônibus, transporte coletivo que predomina no país, aparece em uma pequena atividade com foco na conscientização sobre as más atitudes dos usuários desse tipo de transporte, destacando o que deve ser evitado, mas sem informações extras sobre o seu funcionamento.

Nesse ponto, o livro priorizou a necessidade do estudante que se encontra nas cidades mais desenvolvidas que detém esse tipo de transporte ou mais precisamente na própria cidade retratada, o que apesar de ser uma informação útil, tem um caráter pontual e não inclui a realidade do país, nem cita os diversos meios de transportes que são utilizados nas demais regiões.

O capítulo dez, sobre liberdade de crença, apresenta um breve percurso histórico do Brasil, desde 1832 quando havia uma religião oficial a que era obrigatória a conversão, até a Constituição de 1988 que tornou a liberdade de credo possível. A seguir são apresentados, em um texto, depoimentos de crianças de diferentes religiões. Quando tal assunto é abordado, implica-se ao aluno que esse país, que preza a liberdade, resulta em uma nação com religiões plurais. O texto cita as religiões de matrizes africanas, o que implica na diversidade cultural que essa pluralidade religiosa irá resultar, até mesmo interferindo nos aspectos linguísticos das regiões em que isso ocorre.

Assim, no capítulo 11 que trata da história do Brasil, esse breve panorama histórico significa visitar um pouco da formação sociopolítica do país, o que resulta nas características de seu povo atual. Por conseguinte, logo em seguida, o livro irá apresentar algumas manifestações culturais e ditados populares.



As manifestações apresentadas, em dois curtos textos, ilustrados, foram sobre o Bumba-meu-boi, uma festa folclórica típica das regiões Norte e Nordeste e o Frevo, uma dança característica do Estado de Pernambuco, também do Nordeste. Apesar de darem uma vaga noção sobre as diversidades culturais que possam vir a existir no país, ainda está aquém de conseguir dimensionar corretamente a importância de ambas as tradições culturais citadas, assim como dar uma ideia da grande quantidade de outras que possam existir no Brasil.

3 Panorama Geral das obras analisadas

Retomando os questionamentos levantados na introdução do presente artigo, buscamos respostas com base nos dados analisados em ambos os livros. Para tanto, dispomos das seguintes perguntas:

- I. Com relação aos preconceitos culturais e linguísticos, eles são evocados ao longo dos textos?
- II. As atividades de leitura, escrita e oralidade que estão presentes nos materiais didáticos envolvem a linguagem em uso?
- III. As variações linguísticas são abordadas de modo satisfatório? Se não, qual seria uma forma que tornasse possível assim o realizar?

Para a primeira pergunta, deve-se retomar o objetivo de cada material. O L1 foi produzido na cidade de São Paulo, portanto, objetivou atender o público estrangeiro que reside nesta cidade, o que justificaria seu maior destaque para ela, como a apresentação do mapa, o realce ao metrô etc., preferindo assim focar nas necessidades imediatas de seu provável público.

No entanto, poderia aproveitar um maior distanciamento das outras regiões, para ressaltá-las mais, desfazendo os preconceitos e as imagens, muitas vezes equivocadas, do Brasil que são geralmente divulgadas no exterior, com tendência de exaltar a região



sudeste, sua cultura, sotaque, hábitos, mais do que os das outras. Por outro lado, o material utilizou em diversos momentos algumas variações coloquiais, ressaltou que há a diversidade étnica, religiosa e cultural no país, citando algumas delas – apesar de não ter abordado a diversidade linguística regional.

O L2, por outro lado, apresenta textos ao longo de toda sua extensão, de diversos gêneros textuais, escritos desde uma linguagem mais formal, até letras de músicas com variação coloquial, seguindo o “falar do povo”. Em especial, a inserção de um cordel, literatura típica da região nordeste, exemplificou não apenas a diversidade literária e cultural do Brasil, como também a linguística, dado as expressões regionais ali presentes.

A passagem também abre uma reflexão sobre as variações, acrescentando também um dos falares de Minas Gerais, região sudeste, em formato de vídeo, e conscientiza o leitor de que há mais. Desde a apresentação do mapa do país, de forma completa, a obra procura inserir um pouco de diversas partes do Brasil, ou pelo menos citá-las, visto que esse material foi planejado para um estudante de origem Cubana, profissional da medicina, que veio ao país para atuar em sua profissão e, para tanto, precisa saber o mínimo sobre a região em que será direcionado – logo, os livros, produzidos por órgãos oficiais e para exercer funções de interesse público, precisam abordar ao máximo as variedades do país para preparar o maior número de profissionais possível.

Ambos os materiais foram escritos sob a norma padrão culta da língua, mas abrem espaço para as variações, em textos, diálogos, músicas, ou exemplos diversos; de forma que possam ter sua abordagem ampliada pelo professor ministrante do curso. Assim, espera-se que, apesar de ainda pequena, essa inserção de diferentes variações linguísticas e culturais possam quebrar alguns preconceitos e imagens equivocadas do Brasil frente ao olhar estrangeiro, se não transformar, mas pelo menos que possibilite interromper o ciclo vicioso de repercussão de ideias errôneas com relação à essa temática.



A segunda e terceira questões podem ser respondidas de forma integrada na medida em que se têm a consciência de que seria impossível qualquer material abarcar todas as variações linguísticas e culturais de um país, visto a quantidade e a velocidade de transformação das mesmas. Contudo, ambos os materiais se dirigem à realidade imediata dos estudante esperados, ou seja, o L1 volta-se para determinada região, trabalhando com as possíveis necessidades dos estudantes, enquanto que o L2 foca no cotidiano da prática médica, com a realidade imediata que os profissionais irão enfrentar em sua rotina.

Essa abordagem de ensino, através de situações reais de interação na língua portuguesa, visa auxiliar o estudante em sua nova realidade no país estrangeiro, resolvendo problemas, interagindo, se constituindo como cidadão brasileiro e profissional. Para isso, é fundamental o ensino da norma padrão, para possibilitar a sua ascensão social e maior circulação pelas diferentes situações, no entanto, o estrangeiro também precisará lidar com situações em que terá que compreender o falar cotidiano, expressões populares, gêneros textuais diversos, dentre outros. Assim, os livros tentam inserir, ao máximo, simulações de algumas dessas situações para auxiliá-los na resolução desses problemas, tal como uma melhor ambientação social.

Entendemos que realizar um trabalho de coleta da demanda das necessidades dos alunos, os meios em que ele circula ou pretende fazê-lo, para a posterior seleção dos assuntos mais requisitados para a elaboração de materiais didáticos, planejamento de aula etc., pode contribuir para que o professor consiga reunir em suas práticas de ensino o maior número de situações interativas que os alunos irão se deparar. A partir da visualização desses cenários, o professor terá uma maior compreensão de quais as possíveis realidades culturais e linguísticas o estrangeiro precisará compreender, para que as aulas possam contemplar esse conteúdo.

Considerações

Em tempo, é importante ressaltar que



As palavras não são neutras, a língua não é neutra [...]. Não tenho como me desenredar da teia das palavras, e de seus sentidos, e de suas implicações. Não tenho como falar delas senão usando elas, e dentro dos espaços em que elas, circulando, têm significação.” (BRITTO, 2004, p. 135).

Tal como o discurso não é neutro e remete a outros já ditos, a escolha das palavras revela uma intencionalidade do indivíduo, até mesmo uma afirmação ou reconhecimento identitário. Quando os materiais estudados apresentam vocabulário típico de uma região, do falar popular, ou de uma manifestação cultural, literária, indica que os livros procuram traçar um pouco da identidade cultural e linguística do Brasil. Essa intencionalidade visa apresentar aspectos da sociedade brasileira que o aluno precisa entrar em contato e compreender.

Tal como a Língua (BRITTO, 2004), a identidade cultural (SILVA, 2012) também é estabelecida seguindo uma normativa, um padrão, determinado por grupos em uma dada posição social de autoridade – as escolhas temáticas e lexicais que permeiam ambos os livros visam incluir o maior número de informações, para amplo conhecimento do aluno estrangeiro sobre o país que ele está se estabelecendo. Por isso, apresentam aquilo considerado da cultura normativa, assim como os da não normativa, que, por sinal, é a cultura e língua da classe popular, ou seja, da ampla maioria do povo brasileiro. Dada a não-neutralidade do discurso, essas escolhas inclusivas dos materiais, relacionam-se às imagens discursivas a serem estabelecidas aos perfis profissionais ou de cidadãos que espera-se construir.

Os resultados da pesquisa realizada neste trabalho apontam que esses materiais didáticos utilizados em contexto de ensino de Português, como Língua de Acolhimento, abordam os elementos de variações linguísticas e socioculturais, apesar de evidenciarem a necessidade de aperfeiçoamento de atividades que envolvem contextos reais da língua em uso que favorecem o desenvolvimento da competência comunicativa e das interações sociais dos aprendizes da língua.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Planejamento e Regulação da Provisão de Profissionais de Saúde. **Diga trinta e três... em português!:** curso de Português como Língua Estrangeira para o Módulo de Acolhimento e Avaliação do Projeto Mais Médicos para o Brasil [recurso eletrônico]. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

BRITTO, Luiz P. L. Língua e ideologia - A reprodução do preconceito. In: BAGNO, Marcos (org.). **Linguística da Norma**. 2ª.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 135-154.

BORTONI-RICARDO, Stella M. **Nós chegemos na escola, e agora?:** sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CAMACHO, Roberto G. Sociolinguística - parte II. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Chistina (orgs). **Introdução à Linguística: domínios e fronteira**. 8ª.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CARVALHO, Orlene Lúcia de S. Variação linguística e ensino: uma análise dos livros didáticos de português como segundo língua. In: BAGNO, Marcos (org.). **Linguística da Norma**. 2ª.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 267-289.

CNT. **Transporte metroferroviário de passageiros**. Brasília: CNT: 2016.

FARACO, Carlos Alberto. O Brasil entre a norma culta e a norma curta. In: LAGARES, Xoán Carlos; Marcos Bagno (Orgs.). **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.p. 259-275.

HAYAKAWA, Samuel I. **A linguagem no pensamento e na ação**. São Paulo: Pioneira, 1977.

LINTON, Ralph. O Indivíduo, A Cultura e a Sociedade. In: CARDOSO, F. H.; e IANNI, O. (org.). **Homem e Sociedade**. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1970. p.98-102.

OLIVEIRA, Talita A. (ed.). **Pode Entrar**. 1 ed. São Paulo, 2015.

SCHOFFEN, Juliana Roquele; MARTINS, Alexandre Ferreira. Políticas linguísticas e definição de parâmetros para o ensino de português como língua adicional: perspectivas portuguesa e brasileira. **Revista virtual de estudos da linguagem - ReVEL**. Novo Hamburgo, RS. Vol. 14, n. 26 (mar. 2016), p. 271-306

SILVA, Tomaz T. da. “A produção social da identidade e da diferença”. In: SILVA, Tomaz T. da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 73-102.

Recebido Para Publicação em 04 de junho de 2020.

Aprovado Para Publicação em 30 de julho de 2020.